



Inovação e ESG

O futuro dos negócios
passa por aqui



CORTEX

2021

Índice

Inovação e ESG

O futuro dos negócios passar por aqui

03

Apresentação

08

Por dentro do ESG

14

Responsabilidade social corporativa

19

A visão ACE Cortex

28

Mapeamento de startups x ESG

37

ESG: Moda corporativa?



CORTEX

Apresentação

Em junho de 1992, um evento de grandes proporções parou o Brasil, em especial, o Rio de Janeiro. Ao contrário do que muita gente pode imaginar, tal comoção não teve relação com alguma edição dos Jogos Olímpicos — que naquele ano aconteceram em Barcelona . A “Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento” — também conhecida como Eco-92 ou Cúpula da Terra — foi o evento que fez o planeta voltar os olhos para o centro de convenções Riocentro naquele ano.

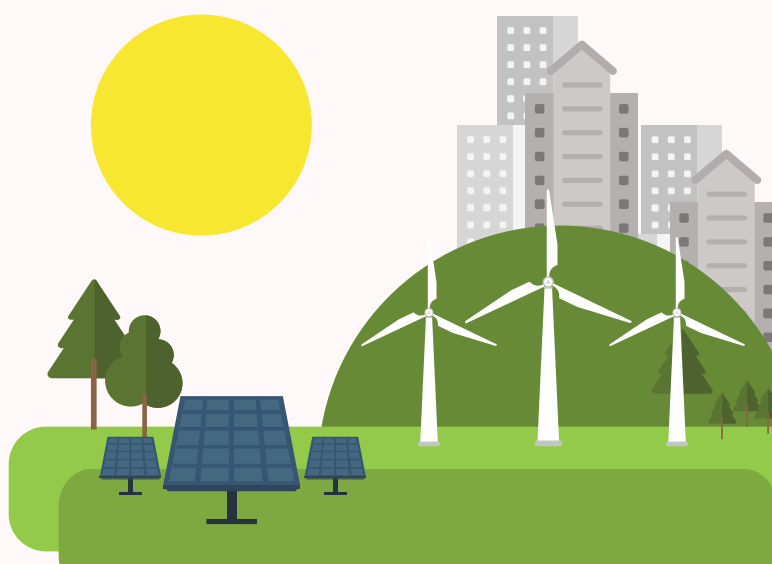
Durante 11 dias, representantes de 178 países reuniram-se para falar sobre o impacto dos problemas ambientais no planeta. A questão principal era como construir **uma sociedade menos consumista e mais focada no equilíbrio ecológico**, não somente momentâneo, mas também para as gerações futuras.

Paralelamente ao evento principal, ONGs (Organizações Não-Governamentais) realizaram o Fórum Global, no qual foi aprovada a Declaração do Rio ou Carta da Terra. Um dos pontos principais do documento versava sobre a maior responsabilidade de países ricos no que concerne aos cuidados com a preservação ambiental em relação àqueles que tinham a maior parte da população em situação de pobreza.

A Eco-92 é um marco que consolida um trabalho de conscientização que teve início muito antes. No início dos anos 80, o pensamento em voga no mercado, propagado pelo economista, ganhador do Prêmio Nobel de Economia de 1976, Milton Friedman, dizia que as empresas existiam para dar lucro aos seus acionistas — qualquer coisa diferente disso poderia ser considerada desvio de função.



CORTEX



Porém, em 1984, essa ideia foi questionada pelo filósofo e professor Edward Freeman em sua obra *“Strategic Management: A Stakeholder Approach”* (“Gestão Estratégica: Uma Abordagem das Partes Interessadas”, em tradução livre). Para ele, as empresas existiam para dar retorno financeiro não só aos acionistas, mas a todas as partes interessadas no negócio. Foi a partir daí, que um forte espiral de crescimento, que culminou no que mais tarde seria delimitado como sustentabilidade, começou a surgir.

Em 1987, a “Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento” da ONU (Organização das Nações Unidas), elaborou um relatório que tratava sobre o desenvolvimento sustentável, com foco nos limites entre o crescimento da sociedade e os limites da natureza.

Desenvolvimento sustentável = suprir necessidades atuais sem afetar as capacidades de futuras gerações de fazê-lo

Nos anos 90, a expressão *“triple bottom line”* começou a ganhar força nas corporações. O tripé da sustentabilidade sugere que os resultados social, ambiental e financeiro de uma empresa sejam observados de forma equilibrada.

A partir desse momento em que sustentabilidade passa a ser um assunto corporativo, temos o embrião do que hoje é chamado de **ESG**, sigla em inglês para **environmental, social and governance** (ambiental, social e governança corporativa). Cada uma das letras simboliza um critério relevante para que uma empresa seja vista como realmente comprometida com as causas citadas.



ENVIRONMENTAL

É uma área de ampla abrangência e que mais atrai a atenção de fundos e investidores. Há iniciativas dedicadas a todas as preocupações com o meio ambiente, da emissão de carbono a fontes renováveis de recursos, como água potável e energias alternativas. O que é esperado das empresas e seus gestores são iniciativas de combate às ameaças ambientais, pensando, principalmente, nos impactos a longo prazo. Mais do que obedecer leis e regulamentações é avançar para uma visão na qual a sustentabilidade esteja totalmente integrada à estratégia da companhia.

SOCIAL

A esfera social tem a ver com como a empresa cuida e desenvolve os relacionamentos humanos, sejam eles com os clientes, colaboradores, fornecedores e até as comunidades onde estão inseridas. Fatores considerados em investimentos sociais incluem, mas não se limitam, a habilidade da companhia de lidar com tendências sociais, de trabalho e política.

Trata-se também da capacidade de uma empresa de atrair e reter seus talentos, e de garantir entregas de qualidade a seus clientes. Tudo se encaixa em uma grande cadeia: **colaboradores mais treinados e satisfeitos, entregam produtos e serviços de melhor qualidade, aumentando a satisfação dos clientes.** Uma excessiva pressão em algum elo da cadeia pode representar uma relação não sustentável no longo prazo.

Outro ponto importante aqui é a adoção de políticas de diversidade e inclusão. É ter, também, uma abordagem responsável no impacto de comunidades, pessoas excluídas e profissões mais tradicionais que podem deixar de existir. É necessário criar um valor compartilhado no qual todos da cadeia sejam contemplados.



GOVERNANCE

Todos envolvidos na cadeia de relacionamento buscam times gerenciais engajados no longo prazo, que buscam as melhores práticas de governança corporativa. Isso inclui transparência, ética e responsabilidade perante riscos. Uma boa governança é a base para garantir que a empresa faça investimentos certos, mantenha o foco no longo prazo, e estabeleça práticas sustentáveis de gestão, políticas e códigos de conduta. É recomendado que as companhias implementem comitês que reportam diretamente ao CEO ou ao conselho, para tomar as melhores decisões em assuntos como Pessoas, Remuneração e Risco, bem como políticas claras de transparência, ética e integridade.

Há ainda a preocupação com a formação das próximas lideranças. A geração Millennial já carrega consigo naturalmente uma maior preocupação com as causas e vão cada vez mais trazer espaço e visibilidade para esses debates. Esse grupo de pessoas é muito consciente nas questões de meio ambiente e bastante sensível a causas sociais. Já repensam suas formas de consumir, privilegiando o compartilhamento, por exemplo. Os conceitos de ESG representam, além de tudo, um tema geracional.

Por dentro do ESG

Se há alguns anos a palavra sustentabilidade dava o tom do debate, a sigla ESG vem ganhando cada vez mais força. Ao contrário do que muitas pessoas imaginam, o acrônimo não é apenas um guia de boas práticas ou um selo de qualidade como acontece com o ISO 9000, por exemplo. Pelo contrário, o conceito serve de auxílio aos investidores que desejam analisar as empresas de acordo com suas iniciativas e comprometimento ambiental, social e de governança corporativa. Mais do que isso, serve como um medidor de “negócios à prova de futuro”, como mostram os dados de investimento.

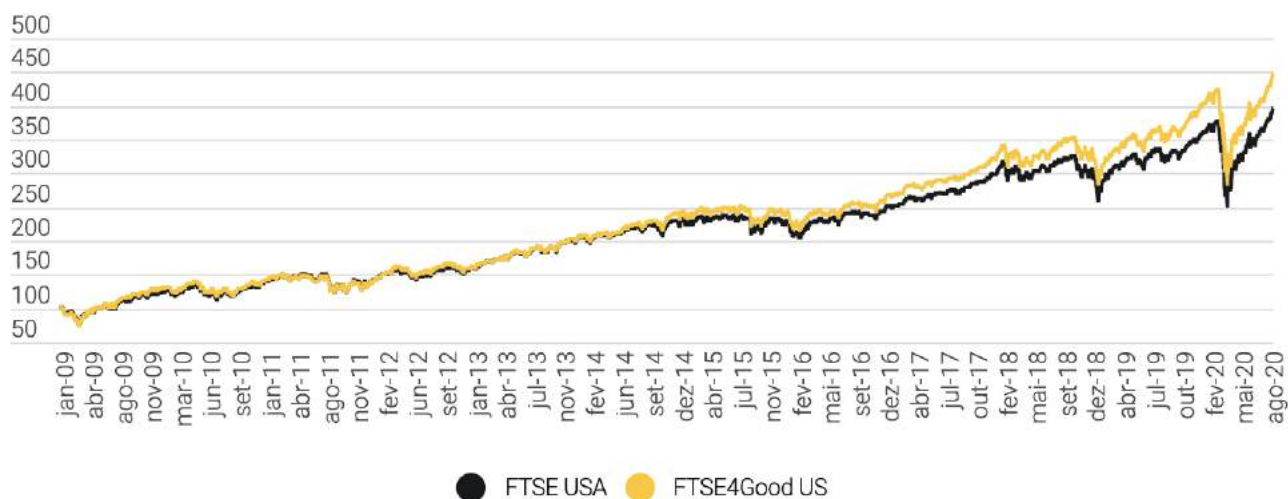
De acordo com dados da Bloomberg em relatório da XP Investimentos:

“Nos Estados Unidos, desde 2009, a Bolsa americana, NYSE, subiu 295%. Quando olhamos a performance, no mesmo período, do índice que contém as empresas melhores posicionadas em termos ESG (FTSE4Good US Index), o número surpreende: +345% de valorização, ou seja, +52 pts acima de seu benchmark”.



Investimento e crescimento

Índice FTSE USA vs. Índice FTSEGood US



Fonte: ESG de A a Z: Tudo o que você precisa saber sobre o tema (XP Inc)

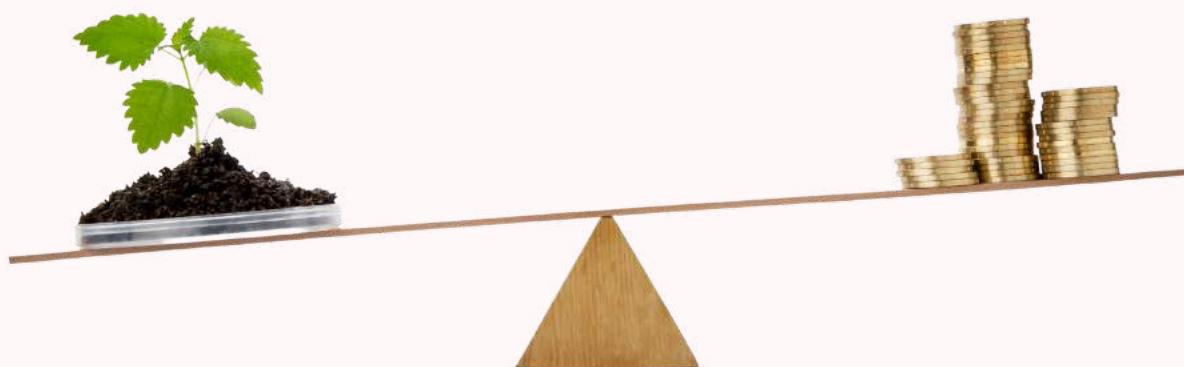


É importante destacar que, por ora, ainda não há uma lei que obrigue as empresas a adotarem as boas práticas, como explica Bernardo Viana, advogado especialista em compliance e professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e da Legal, Ethics & Compliance (LEC).

“ESG hoje não é uma obrigação legal, é algo que tem sido usado para gerar um valor positivo nas empresas”. Ele destaca ainda que “há uma regulação específica em relação aos índices, ainda mais quando são oficiais das Bolsas, mas que não existe hoje uma obrigação legal específica de ESG”.

Indicadores como o Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE) e Eco2, da B3, têm cada dia mais importância não apenas na redução de mudanças climáticas, como também na avaliação de investimentos internacionalmente.

“O Dow Jones Sustainable Index talvez seja hoje, globalmente, um dos principais índices, que mostram o comprometimento da empresa de capital aberto com uma gestão responsável. Do ponto de vista de certificação, existe o chamado sistema B (B Corporation) que é um tipo de selo ao qual a companhia precisa submeter todo o seu processo interno à avaliação relacionada ao impacto positivo”, conta o engenheiro florestal e mestre em Gestão para Competitividade com foco em Sustentabilidade (FGV-SP e Escola de Economia na Noruega), Rafael dos Santos Guimarães.



“

A primeira geração [de investidores] era hippie, a segunda geração era ligada em sustentabilidade e SRI (investimento socialmente responsável). A terceira geração investe baseada em valor.

”



*Peter Ohnemus
CEO da Dacadoo*



CORTEX

O perfil dos investidores que incorporam o conceito em seus processos de tomada de decisões mudou ao longo do tempo, explica o CEO da Dacadoo, consultoria que reúne dados globais sobre práticas de ESG, Peter Ohnemus.

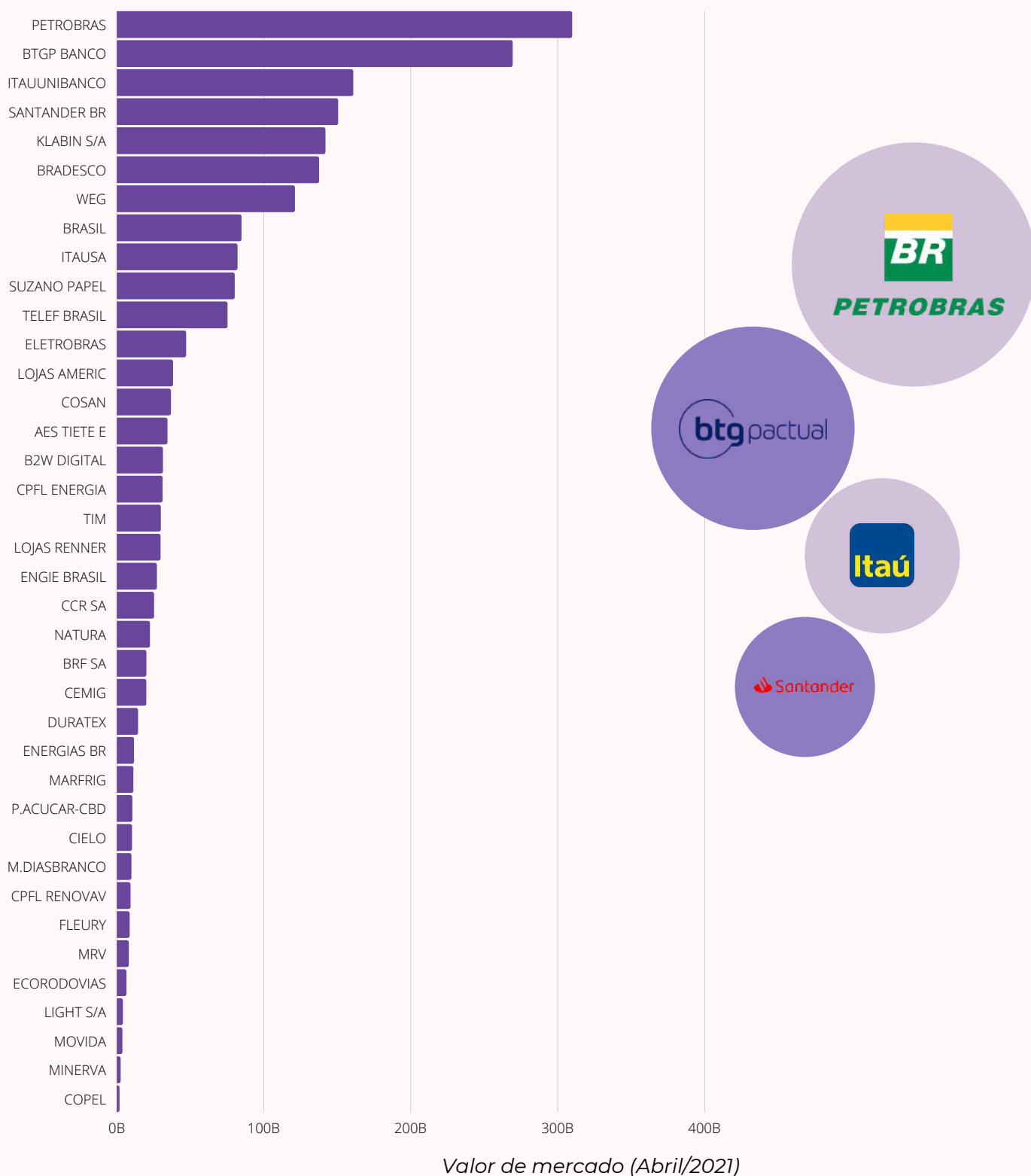
Guimarães, que também é gestor de stakeholders ESG da Raízen, destaca que o certificado do sistema B é uma das principais tentativas de criar um selo que, de fato, atesta que determinada empresa tem uma gestão focada em ESG. Ele frisa que os critérios exigidos por esse selo estão bastante relacionados com a avaliação do impacto dentro do ISE e da B3.

A bolsa de valores brasileira divulga anualmente uma **lista com os nomes de empresas que seguem os ideais de ESG** em seu cotidiano. O objetivo principal é induzir as companhias a adotarem práticas relacionadas aos três pilares da sigla e também ajudar o investidor a escolher aquelas que estejam alinhadas com essa forma de enxergar os negócios. O índice procura medir a performance de títulos que cumprem critérios de sustentabilidade e é ponderado pelas pontuações ESG da S&P Dow Jones Indices.

A lista é elaborada anualmente e a mais recente delas, divulgada em dezembro de 2020, conta com nomes como Petrobras, Natura, Itaú e Cielo.

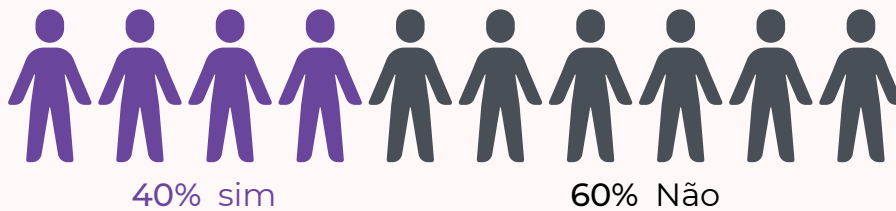


Lista de empresas no ranking de ESG da B3



Responsabilidade social corporativa

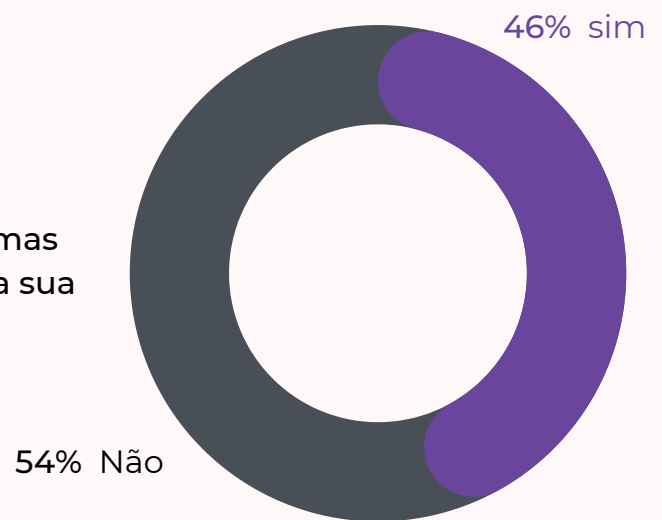
Perguntamos para empreendedores e colaboradores de grandes companhias por meio de nossa base de assinantes da newsletter Growthaholics, qual era a fotografia de ESG em suas empresas. As respostas estão a seguir:



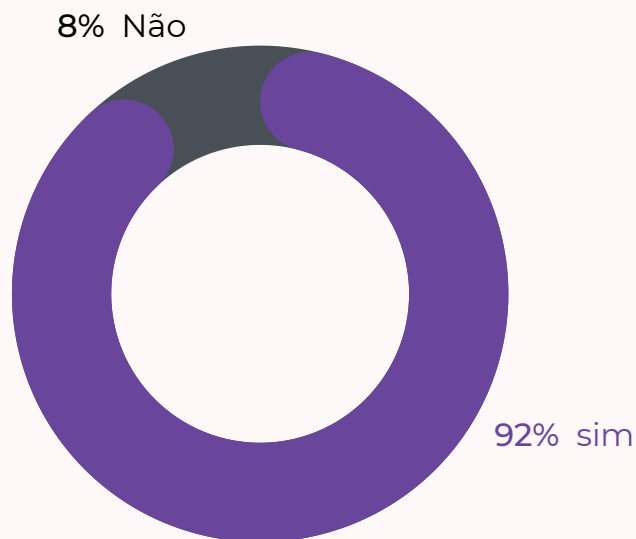
Na sua opinião, sua empresa possui uma estratégia clara de ESG?



Já existem programas de ESG rodando na sua companhia?



Você vê o conceito de ESG impactando a estratégia futura da sua companhia?



Responsabilidade social corporativa



A **Natura** é uma das empresas mais lembradas quando o assunto é ESG. A sede da companhia, em Cajamar, no interior de São Paulo, foi projetada para priorizar conceitos arquitetônicos focados na sustentabilidade, como o aproveitamento de luz solar no ambiente, por exemplo. Comprometida com metas de médio e longo prazo, a empresa criou um documento chamado Visão 2050, no qual manifesta “o compromisso de desenvolver produtos que expressam valores e práticas sustentáveis” nos próximos 30 anos.

Na página da empresa é informado também que não são usados animais em testes de seus produtos e que 90% das fórmulas são feitas com ingredientes naturais e renováveis. Além disso, a Natura destaca que faz parte do movimento global B-Corp, que identifica e certifica empresas que seguem determinados padrões de transparência, responsabilidade e desempenho.

Em agosto de 2011, a **Apple** passou por um período de testes que durou cerca de seis meses, no qual comprava eletrônicos da marca, que usuários norte-americanos queriam descartar, em troca de vale-compras. Como a ideia deu certo, em janeiro de 2012, a multinacional expandiu a iniciativa para Reino Unido, França e Alemanha. O programa já chegou ao Brasil, mas ao contrário do que aconteceu em outros países, não oferece compensações financeiras, apenas a possibilidade de fazer um descarte de componentes eletrônicos de forma ecologicamente correta.



Na página da Apple o principal chamariz para incentivar o consumidor a entregar seu aparelho é fazer a reciclagem de forma gratuita para o consumidor, pois “assim podemos recuperar materiais valiosos e reduzir o impacto no planeta”. É de se pensar até que ponto a empresa faz isso pensando na preservação ambiental ou em benefício próprio, já que se propor a retirar aparelhos que não estão sendo usados, talvez seja mais barato do que encontrar as peças em lixões, muitas vezes sem chance de serem reutilizadas.

Responsabilidade social corporativa



Qual é a experiência de uma companhia que atua diretamente ligada ao setor de ESG? De acordo com o cofundador e COO da startup Blue Sol Energia, José Renato Colaferro, compreender o conceito e ir além da ideia abstrata de sustentabilidade ainda é um desafio — mesmo atuando em seu centro.

O empreendedor usa como exemplo as próprias medidas que a startup precisou tomar para reforçar sua governança quando foi atrás de um aporte. A empresa desenvolve projetos de engenharia, incorporando, integrando e instalando sistemas solares fotovoltaicos para geração distribuída no Brasil. Até julho de 2019, já havia comercializado mais de 1.800 sistemas fotovoltaicos conectados à rede.

Mesmo atuando como uma solução de energia limpa com alto impacto de geração de empregos, a Blue Sol precisou ajustar demonstrativos de resultados, políticas de segurança da informação e outros para garantir o investimento. Colaferro acredita que uma visão de energia limpa e o crescimento do empreendedorismo nesse campo serão os motores de uma verdadeira revolução.

“A energia solar é uma fonte que possibilita o microempreendedorismo e empodera o consumidor. Quebra um paradigma, trazendo a portabilidade para um setor onde você é obrigado a comprar de uma concessionária local. Além disso, no futuro, você vai poder armazenar essa energia e mensurar melhor esse consumo”, comenta o COO da Blue Sol Energia.

Transparência é necessária

Ao falar em empresas que reconhecem a importância e buscam aplicar os ideais do ESG no dia a dia, é inevitável pensar nos aspectos de marketing relacionados. Ou seja, consumidores e investidores já se atentaram para marcas que não praticam os conceitos além do marketing.

“O greenwashing é uma questão muito séria, que é avaliada não só pelos clientes finais, mas também pelos investidores e acionistas, principalmente quando eles se organizam em grandes grupos de investimento nos quais conseguem fazer avaliações por meio do uso de plataformas de transparência das informações dessas empresas que eles tendem a investir”, diz Guimarães.



Já o bluewashing acontece quando o discurso de responsabilidade social não condiz com a realidade da empresa, que não realiza estudos para entender como está contribuindo para a agenda global. É o tipo de companhia que, embora não tenha projetos específicos, entende o valor de comunicar que está vinculada às boas práticas. Ou seja, empresas que realizam uma leitura rasa da questão.

Futuro do ESG

Guimarães vê como fundamental que as autoridades locais também entendam a importância do ESG. “Não há dúvida que uma postura mais avançada e madura de governos comprometidos impacta positivamente e aumenta a velocidade da adoção de ações do modelo mental de ESG pelas empresas”, diz o especialista.

Ele destaca também que o comprometimento de CEOs e funcionários em cargos de liderança, os C-levels, é fundamental para o sucesso do ESG nas empresas. “Quando eles entendem, de fato qual é o impacto dessa agenda, fica mais óbvia ainda a velocidade da adoção do ESG. Aterrissar isso dentro de processos e estruturas internas que dêem conta dessa agenda, que, de fato, entenda que não é uma pessoa na empresa que vai fazer isso acontecer, que é necessário uma governança interna, fóruns e indicadores que dêem conta disso”, esclarece.

Uma mudança de mentalidade no pensamento atual de mercado sobre ESG indica que as companhias devem ver esse momento não só como forma de diferenciação, mas como uma oportunidade de abertura de novos mercados, novos caminhos de investimento.



Visão do ESG por ACE Cortex



*Luís Gustavo Lima (LG)
CEO de ACE Cortex*

ESG não é novo e nem definitivo, então por que se preocupar

O conceito de ESG e seus desdobramentos ainda são pontos de questionamento para executivos e seus times gerenciais. Por outro lado, o tópico figura no topo das agendas e compromissos com as empresas desses profissionais.

De uma maneira bem direta: **essas três letras têm o objetivo de proteger e resgatar**. Mas o quê? O meio ambiente, a sociedade na qual estamos inseridos e, claro, os próprios negócios. Essa preocupação global prevê a sustentabilidade das companhias e do ecossistema.

O movimento ESG é significativamente impulsionado pelo mercado financeiro, com investidores e acionistas pressionando para que essa preocupação ganhe mais espaço nas estratégias de longo prazo, segurança social futura e estabilidade econômica.

O foco é na **durabilidade e sobrevivência de negócios e mercados**, afinal, não se trata somente de uma relação custo x impacto, mas sim de uma genuína geração de valor para os stakeholders. Ou seja, ESG é uma maneira de controlar melhor os riscos do negócio, pensando no equilíbrio de relações ambientais e sociais. O olhar de sustentabilidade pode significar uma redução nas incertezas de crescimentos desordenados.



Os impactos financeiros

“À medida que nos aproximamos de um período de significativa realocação de capital, as empresas têm a responsabilidade - e um imperativo econômico - de fornecer aos acionistas uma imagem clara de sua preparação. E, no futuro, uma maior transparência nas questões de sustentabilidade será um componente persistentemente importante da capacidade de cada empresa de atrair capital.

Isso ajudará os investidores a avaliar quais empresas estão atendendo às suas partes interessadas de forma eficaz, remodelando o fluxo de capital de acordo. Mas o objetivo não pode ser a transparência pela transparência. A divulgação deve ser um meio para alcançar um capitalismo mais sustentável e inclusivo. As empresas devem ser deliberadas e comprometidas em abraçar o propósito e servir a todas as partes interessadas - seus acionistas, clientes, funcionários e as comunidades”

Larry Fink
Chairman and Chief Executive Officer
Black Rock

A declaração acima faz parte de uma carta, assinada por Larry Fink, CEO do fundo Black Rock, que teve grande repercussão no mercado financeiro e na maneira que investidores e acionistas passaram a se relacionar com as empresas. A pressão do mercado fez com que algumas empresas atrelassem metas e bonificações de seus executivos a ações ESG.

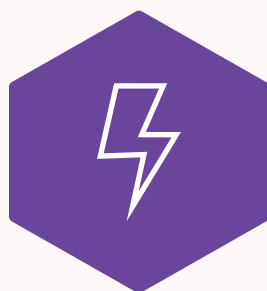
Investimentos em ações de sustentabilidade já ultrapassaram **US\$ 30 trilhões**, um aumento de 68% em relação a 2014, e dez vezes mais em relação a 2004. Dando ainda mais a dimensão global do ESG: um a cada quatro dólares investidos profissionalmente nos EUA está diretamente relacionado a critérios ambientais, sociais e de governança .

As principais tendências de investimentos em ESG:



Um aumento da consideração de fatores ESG, inclusive após a pandemia do Covid-19, em especial relacionados aos temas de responsabilidade e transparência corporativa;

A importância do social para grandes companhias e investidores, particularmente em saúde, educação e laços sustentáveis com a sociedade;



Controle de riscos e oportunidades relacionadas ao meio ambiente, como novas formas de energia e fontes renováveis, transporte sustentável, redução de emissão de carbono, entre outros, irão atrair cada vez mais a atenção de investidores.

ESG e Inovação

A inovação é uma grande aliada na sustentabilidade dos negócios e mercados, e deve estar diretamente relacionada a metas e objetivos entendidos pela empresa como sua contribuição para o ambiente e para o social. Ela acontece em um ambiente diverso, em empresas que têm um forte relacionamento com seus stakeholders e abordam, em especial, iniciativas com foco no longo prazo. Essas características fazem com que, normalmente, essas empresas inovadoras tenham também um alto padrão ESG.

Empresas inovadoras são mais resilientes e passam melhor por crises, já têm cultura e processos para esses momentos, sem contar uma visão mais evoluída em relação a práticas ESG.

Aquelas que falharem em endereçar seus impactos atuais, sejam eles sociais ou ambientais, podem enfrentar grandes riscos regulatórios futuros. Ter planos de prevenção ou redução de impactos e riscos, com envolvimento direto da liderança, e deixar claro um posicionamento de responsabilidade tornam as empresas mais seguras e atraentes para investidores, para o mercado e até para clientes.

Uma liderança alinhada em aspectos ESG e atuando em favor da durabilidade do negócio tem a tendência de triunfar, vendo um retorno medido diretamente no crescente valor da empresa — ou perda do mesmo.



Por onde começar?

É um momento de transformação, que pede mais que a criação de um departamento responsável, mas sim que esse olhar de inserção das corporações em um ecossistema global esteja presente em todas as suas iniciativas. É a evolução de um pensamento sistêmico, mais que uma moda. Antes de traçar planos e rever toda a estratégia da empresa, é necessária a compreensão da questão e todo o contexto em que ela ocorre. Para o debate ser genuíno: por que devemos nos preocupar com esse ponto?

Não há normas claras, leis ou regulamentações que compreendem toda a noção de ESG. Ainda. Deve partir da liderança o entendimento do cenário para criar desde já um caminho diante do que se pretende atingir. O que é possível fazer, que traga impacto para todo cenário no qual a empresa está inserida?

É necessário apostar em uma compreensão de oportunidades que façam sentido para a estratégia da empresa, aliando visão de negócios e princípios ESG. Trazer isso à tona de maneira que transpareça no posicionamento é a chave para uma boa comunicação e entendimento dos objetivos.



Como a ACE Cortex atua

Todos esses princípios não significam bloquear qualquer risco ou crise e nem blindar por completo tais companhias. Como consultoria de inovação, a ACE Cortex cria impacto no negócio de terceiros, gerando um efeito cascata. Essa atuação de ACE Cortex é amplificada por conta da capacitação direta e indireta de profissionais nos projetos desenvolvidos com algumas das maiores empresas do país.

Um dos princípios da ACE é transformar o Brasil por meio da inovação. Essa missão se torna também nossa principal abordagem dentro de ESG. Ou seja, a ACE Cortex ajuda na transformação de empresas, trazendo princípios e valores éticos, em linha com as ambições e negócios futuros estratégicos, com uma imagem de ESG na prática.

Não existe um protocolo blindado, mas sim uma conscientização de riscos e impactos, e de como podemos colaborar para reduzir. Assim, ACE Cortex se posiciona para criar um futuro — aliando inovação e os princípios de ESG.



Queremos despertar nas empresas o desenvolvimento de capacidades e habilidade de perdurar no tempo e sobreviver a mudanças - pensar na adaptabilidade do que está por vir.



Trabalhando com a criação de futuro, atuamos com aspectos ESG como parte da abordagem e estratégia. Com uma inserção em todo o contexto de negócios, de maneira que seja suportada por toda a liderança.

Como a ACE Cortex atua



Potenciais objetivos ESG



Crescimento

Atração de novos mercados e consumidores com a criação de produtos alinhados com práticas ESG;



Redução de custos

Buscas por fontes alternativas (água, energia);



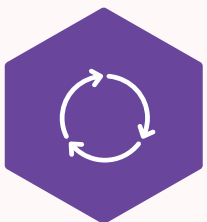
Legislação e Regulamentação

Se adaptar a novas demandas ou buscar oportunidades em leis de incentivo fiscal;



Aumento de Produtividade

Engajamento de colaboradores e atração de novos talentos;



Otimização de investimentos

Aumento de retorno com alocação de recursos em iniciativas sustentáveis, melhor análise de impacto dos investimentos (visão ESG de longo prazo).



MAPEAMENTO

Em março de 2021, ACE Cortex realizou um mapeamento de startups que desenvolvem soluções relacionadas à ESG. O time de research de ACE Cortex dividiu as companhias por principal segmento de atuação: E (ambiental), S (social) e G (governança). Entendendo que as três dimensões são indissociáveis, é importante ressaltar que o recorte é apenas uma forma de facilitar a compreensão da atividade principal de cada uma dessas companhias.

Assim, o time de inteligência de ACE Cortex **mapeou 343 startups com soluções relacionadas à ESG no Brasil**. Destas, 180 atuam principalmente no mercado de meio ambiente, 130 delas possuem negócios relacionados ao contexto de impacto social e 33 desenvolvem soluções de governança.

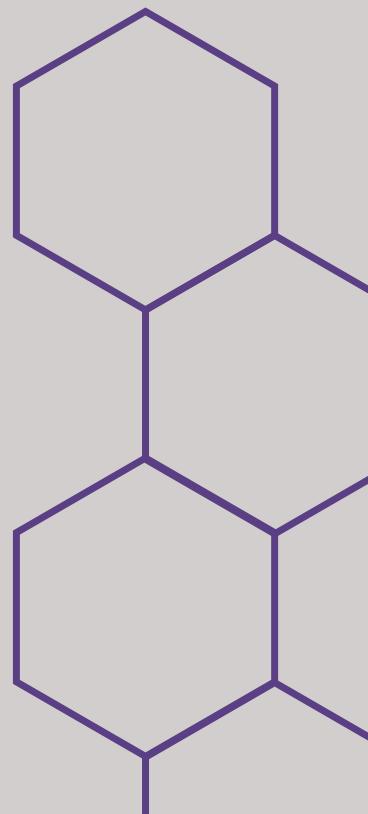




ENVIRONMENTAL

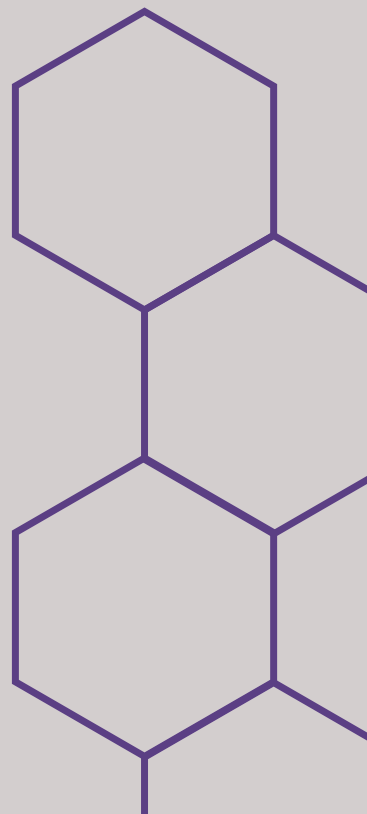


CORTEX





S SOCIAL



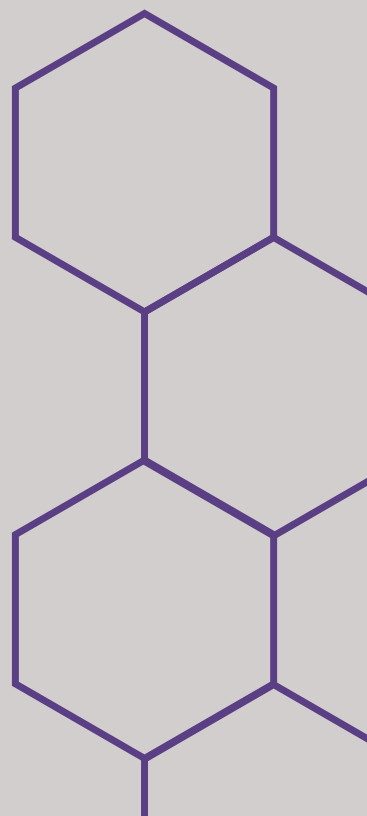




GOVERNANCE



CORTEX

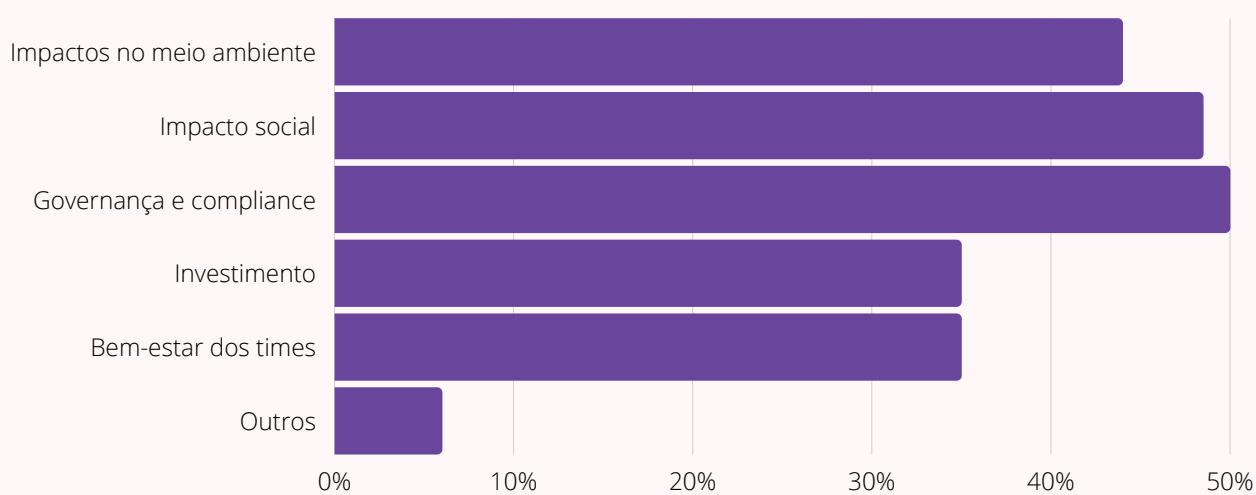




Alguns destaques:

- O ramo de startups que atuam no segmento de meio ambiente é o maior dentre as startups mapeadas, compondo mais de **52,4%** das companhias que atuam em soluções ESG. Dentre as startups com atuação principal no “braço E” podemos notar duas verticais principais: gestão de energia (matrizes limpas, controle de emissão de carbono ou compra de créditos de carbono) e startups focadas em mobilidade elétrica/logística, como: gerenciamento de energia e recarga de veículos elétricos, por exemplo.
- **38%** das startups mapeadas atuam, com destaque, no braço S. Dentre as companhias de impacto social mapeadas, há preponderância de edtechs, healthtechs e startups de cybersecurity. O setor de educação é, disparado o mais aquecido, com mais de 44 edtechs (representando 12% das startups ESG brasileiras mapeadas e um terço das startups do braço social).
- Cerca de **10%** das startups de impacto social (braço S) atuam em cybersecurity, especialmente, com proteção de dados e privacidade. A lista conta com startups desenvolvedoras de soluções e prestadoras de serviços.
- O setor que contava com um número menor de startups (menos de **10%**) é o de soluções para governança das companhias. Algumas hipóteses é que o setor é menos desenvolvido por questões regulatórias. Além disso, os temas governança, compliance e transparência corporativa ainda são observados como inerentes apenas às empresas listadas na bolsa ou multinacionais.
- Curiosamente, o setor que possui menos startups atuando diretamente é também o setor apontado por nossa base de empreendedores como o mais deficiente no que diz respeito à estratégia de ESG (**50,8%**) dos respondentes apontam essa área como a mais deficitária em suas empresas.

Em qual dessas áreas sua empresa é mais deficiente no que diz respeito à estratégia de ESG:



O mapeamento foi realizado combinando o banco de dados de mais de **15 mil startups avaliadas** pela divisão ACE Startups, informações públicas de mercado e a rede de contato da ACE Cortex com mais de **80 parceiros corporativos**. Assim, temos a composição do material mais atualizado sobre esse mercado no Brasil.

Tem uma startup que atua no segmento ESG e não entrou no mapeamento?

Fale com a gente no: contato@goace.vc

ESG: moda corporativa?



Por Daniela Diniz

Diretora de conteúdo e relações institucionais Great Place to Work Brasil

Pode até parecer mais uma moda corporativa, mas não é. A sigla que mais apareceu no meio empresarial no ano passado – ESG – não é recente, afinal, os temas envolvendo critérios ambientais, sociais e de governança corporativa são discutidos há mais de 20 anos entre executivos, empresários, especialistas e organizações não governamentais.

Só como exemplo de como esse tema ganhou força vou citar alguns números: segundo dados da Morningstar, o patrimônio de fundos com viés ESG no mundo é de **1 trilhão de dólares**; a PwC, por sua vez, projeta um **patrimônio de 4,3 trilhões de dólares até 2030**, e a XP Investimentos calcula 30 trilhões de dólares referente à quantidade de ativos relacionados direta ou indiretamente com alguma estratégia sustentável.

O motivo de tamanha movimentação e volume sobre o tema é simples: sobrevivência. Sem uma estratégia que envolva esses critérios a sociedade não irá resistir. Trata-se, portanto, de preservar o caixa das empresas, o destino das pessoas e o futuro do planeta – um tripé que o Great Place to Work reforça há tempos entre todos os seus stakeholders: ser uma boa empresa para trabalhar faz bem para os negócios, para as pessoas e para a sociedade.

Para começar, queremos chamar atenção para a segunda letra, o “S”, um dos pilares da sigla no qual somos referência há 25 anos (o outro tem a ver com a letra G). Segundo alguns especialistas, o S tem se mostrado a letra mais frágil da sigla no Brasil. Referente às atitudes, ações e comportamentos adotados para e com funcionários, fornecedores, clientes, comunidade e sociedade, em geral, o aspecto social acaba ficando, muitas vezes, em segundo plano dividido entre os departamentos de RH, comunicação, sustentabilidade e marketing, sem força para subir para uma pauta verdadeiramente estratégica como as questões ligadas aos impactos ambientais e de governança.

Para que a agenda ESG prospere na organização as três letras precisam estar em pé de igualdade na estratégia corporativa. Afinal, ESG é uma cultura que deve permear toda empresa e não apenas um conjunto de práticas em que você dá mais ou menos peso de acordo com a circunstância e/ou orçamento. Embora não haja um selo ou um certificado com escopo abrangente o suficiente para capturar todos os pilares do ESG de forma simultânea, algumas certificações e selos já existentes no mercado podem ser considerados sinais de métricas alinhadas aos critérios ESG.

E dentre esses selos está a certificação Great Place to Work, que reconhece, com base na nossa metodologia presente em mais de 90 países, empresas como excelentes ambientes para trabalhar. Atualmente, temos no Brasil **1.500 empresas certificadas, avaliamos mais de 117 mil práticas relacionadas à gestão de pessoas e ouvimos mais de 2 milhões de funcionários.** Essa chancela nos permitiu selar, no ano passado, uma parceria com a B3 para a criação de um índice que irá reunir todas as empresas certificadas GPTW que possuem ativos negociados na B3.

Há muitos anos, já vínhamos observando um desempenho financeiro diferenciado no grupo que integra as melhores empresas para trabalhar no Brasil. No ano passado, por exemplo, as 150 Melhores tiveram um aumento de 9,3% no seu faturamento, em relação ao ano anterior, enquanto o PIB do país cresceu pífo 1,1%. O **Índice GPTW/B3**, portanto, simboliza mais um passo para incentivar empresas a investirem na gestão de pessoas, sinalizando para os investidores quem está à frente nos critérios ligados às práticas sociais que envolvem relações de trabalho, engajamento dos funcionários, treinamento da força de trabalho, direitos humanos, relações com comunidades, segurança e diversidade.

Ao ser reconhecida como uma empresa que preza pelos critérios ESG, você automaticamente eleva sua reputação e imagem, atraindo profissionais talentosos que buscam ambientes preocupados com a sustentabilidade. Atrai também investidores que passam a confiar mais no negócio, mantendo seus dividendos por mais tempo e, de quebra, pode obter vantagens financeiras, já que o mercado oferece linhas de crédito diferenciadas para que as empresas sigam investindo em práticas sustentáveis. Mais do que isso, porém, você será um verdadeiro agente de transformação, ampliando seu impacto e gerando valor para todos os envolvidos. No final, quem ganha somos todos nós: os negócios, as pessoas e a sociedade.

Texto original em: <https://gptw.com.br/conteudo/artigos/gptw-e-agenda-esg/>

Ficha técnica

O GrowthReport **ESG e Inovação: o futuro dos negócios passa por aqui** e o mapeamento de startups que atuam no setor foi desenvolvido em março de 2021 pelo time de **ACE Cortex**. Para saber mais sobre a política e iniciativas de ESG da ACE, acesse acestartups.com.br/esg.

Para entender como implementar boas práticas de sustentabilidade com impacto e resultados reais, fale com um especialista: contato@goace.vc | acestartups.com.br/cortex/

Consultoria:

LG Lima (ACE Cortex), Gabriela Berrocal (DÍADA Projetos e Consultoria)

Pauta e Estratégia:

Renata Sagradi, Head de Marketing ACE

Edição e produção:

Tiago Alcantara

Reportagem:

Elígia Aquino

Diagramação e design:

Lucas Ament

Pesquisa e Mapeamento:

Ana Carolina, Thaís Viana e Marcelo Medeiros

Apoio e Divulgação:

Paula Riciolli, Jonathas Jocteel e Luiza Leite



Parceiros:





CORTEX